

Musealização: um juízo/uma atitude do campo da museologia integrando musealidade e museália¹

Diana Farjalla Correia Lima

Doutora em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Universidade Federal do Rio de Janeiro, (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ – Brasil. Pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e o Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). Rio de Janeiro, RJ – Brasil.
E-mail: diana@mils.com.br

Recebido em: 15/08/2014. Aprovado em: 14/11/2015. Publicado em: 08/10/2015.

Resumo

O processo musealização e sua compreensão no campo da Museologia é o tema focalizado pela pesquisa que tem como linha de interpretação o exercício do poder simbólico (Pierre Bourdieu). Reconhece o processo, forma simbólica de representação cultural legitimada em contexto social, como um conceito e uma prática que realizam intervenção e apropriação envolvendo manifestações materiais e intangíveis, que passam a ser categorizadas como bens culturais (largo senso) e, por isso, passíveis de tutela intelectual e operacional. A investigação analisa, interpreta, compara no contexto da Linguagem de Especialidade do campo museológico as explicações dadas para a musealização tomando como referência a literatura do campo. Os resultados indicaram haver uma atribuição de valor para caracterizar determinado bem, e permitiram compor com trechos selecionados o que foi denominado Significações/Atributos-Juízo/Atitude representando os sentidos dados pelo campo aos bens culturais.

Palavras-chave: Musealização. Poder Simbólico. Bens Culturais. Terminologia Museológica. Museu.

Musealization: a judgement/an attitude of the field of museology integrating museality and museal²

Abstract

The Musealization process as understood in the field of museology is the subject focused by the research that has as line of interpretation the symbolic power (Pierre Bourdieu). The research recognizes the process, a symbolic form of cultural representation which is legitimated in social context, as a concept and a practice that perform intervention and appropriation involving material and intangible manifestations, categorized as cultural assets (wide sense) and, therefore, prone to intellectual and operational supervision. The research analyzes, interprets, compares in the context of Specialty Language in the field of Museology, the explanations which were given to musealization taking as reference museology literature. The result indicates the attribution of value to characterize a specific asset, and allowed composing, from selected excerpts, what was referred to as Significations/Attributes-Judgment/Attitude representing the meaning given by the field to cultural assets.

Keywords: Musealization. Symbolic Power. Cultural Assets. Museological Terminology. Museum.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Pesquisa “Musealização e Patrimonialização - Termos e Conceitos da Museologia em ação: identificando e explicitando indicadores teórico-práticos para aplicação”.

² This work was supported by CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brazil. Research “Musealization and Patrimonialization - Terms and Concepts of Museology in action: identifying and explaining applicable theoretical and practical indicators”.

Musealização: un juicio/una actitud del campo de la museología integrando musealidad y museología³

Resumen

El proceso de musealización como se entiende en el campo de la museología es el tema enfocado por la investigación que tiene como línea de interpretación el ejercicio del poder simbólico (Pierre Bourdieu). Reconoce el proceso, una forma simbólica de representación cultural que se legitima en el contexto social, como un concepto y una práctica que realizan intervención y apropiación que envuelven materiales y manifestaciones intangibles, clasificadas como activos culturales (sentido amplio) y, por tanto, propensos a supervisión intelectual y operacional. La investigación analiza, interpreta, compara en el contexto de Lengua Especializada en el campo de la Museología, las explicaciones dadas a la Musealización utilizando como referencia la literatura museológica. El resultado indica una atribución de valores para caracterizar cada bien cultural, y permitió componer, con extractos seleccionados, lo que se denominó como Significados/Atributos-Juicio/Actitud, representando las definiciones dadas por el campo a los bienes culturales.

Palabras clave: Musealización. Poder Simbólico. Bienes Culturales. Terminología museológica. Museo.

And never forget: the process of musealization is an act of will.

(E nunca esqueça: o processo de musealização é um ato de vontade).

Martin Schärer

APRESENTAÇÃO

O assunto que apresentamos faz-se ligado à pesquisa “Musealização e Patrimonialização - Termos e Conceitos da Museologia em ação: identificando e explicitando indicadores teórico-práticos para aplicação”, tendo apoio do CNPq, produtividade em pesquisa, desde 2013.

O enfoque está vinculado ao nosso campo do conhecimento e reflete um contexto que nomeamos de entrelace Museologia-Patrimônio, inter-relações que ocorrem no campo museológico. A investigação diz respeito ao Grupo de Pesquisa CNPq “Campo da Museologia, perspectivas teóricas e práticas, musealização e patrimonialização”; integra uma das suas linhas de pesquisa: “Termos e Conceitos da Museologia”; tema que também se insere no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio Unirio/Mast (PPG-PMUS). Na Unirio, a professora doutora Tereza Scheiner colabora como pesquisadora.

A pesquisa Unirio teve início efetivo em 2005 após aprovação do projeto elaborado em 2004. Configurou-se caracterizada como ramificação no Brasil do projeto Icofom International Council for Museology, Comitê Internacional para a Museologia, do Conselho Internacional de Museus, International Council of Museums, Icom; intitulado Terms and Concepts of Museology, Termos e Conceitos da Museologia, criado no ano de 1993, tendo na coordenação internacional seu mentor André Desvallées, profissional da Museologia com extensa trajetória e larga experiência na França. Entre outras atividades, dirigiu nos anos 80 o Musée National des Techniques, Paris.

Agora, depois de nove anos atuando na coordenação da pesquisa com nosso olhar acadêmico dedicado ao enlace Museologia-Patrimônio, revendo o caminho percorrido podemos perceber quão produtivo tem sido o trajeto em diversificados desenvolvimentos temáticos, pontilhado pela colaboração de dez bolsistas de Iniciação Científica (Unirio e PIBIC/CNPq), alunos da graduação em Museologia. E nessa oportunidade agradecemos não só pelos trabalhos realizados como pelos bons momentos que compartilhamos, mesmo quando das dificuldades que as pesquisas enfrentam.

³ Este trabajo fué apoyado por el CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil. Investigación “Musealización y Patrimonialización – Términos y Conceptos de la Museología en acción: identificando y explicitando indicadores teóricos y prácticos para aplicación”.

Cada um deles desenvolveu um subprojeto individual orientado no nosso contexto de investigação. Desdobraram temas que nos revelam, no tempo decorrido, terem sido pontos para encaminhamento ao terreno do enfoque da pesquisa atual.

Mencionamos os temas das pesquisas com os nomes dos respectivos bolsistas:

1. Patrimônio material: representações/gênese e atualidade - herança cultural, monumento, bem. Coleção e acervo (especificidades) - Igor Fernando Rodrigues da Costa (2005/2008);
2. Patrimônio material e Patrimonialização: atributos simbólicos - Martha Rebello Varella Guedes (2007/2009);
3. Documentação/Informação em Museologia e contexto da musealização: documentação museológica, indexação, gestão, catalogação, inventário, registro, tombamento - Bernardo de Barros Arribada (2007/2009);
4. Museu Virtual: autodenominação no campo e tipologias - Pedro de Barros Mendes (2007/2009);
5. Museu Comunitário: categorização/exemplificações - Marcelly Marques Pereira (2009/2010);
6. Patrimônio intangível: da invisibilidade à Patrimonialização (1931 até atualidade) - Camila Silveira de Pinho (2009/2011);
7. Patrimônio intangível: representação pela musealização - Leyanne Carolina Lourenço de Azevedo (2011/2013);
8. Patrimônio industrial: aspectos da patrimonialização e musealização - Leonardo da Silva Villeth Menezes (2010/2013);
9. Patrimonialização: políticas, indicadores teórico-práticos/representações/valores - Maria Pierro Gripp (2013/atual);
10. Musealização: políticas, indicadores teórico-práticos/representação/valores - Lívia de Oliveira Botelho (2013/atual).

ANOTAÇÕES INTRODUTÓRIAS E FUNDAMENTAIS

Desde 2013, no contexto de nova mirada investigativa com ênfase na composição musealização-patrimonialização, temos nos dedicado ao estudo dessas representações culturais em nível teórico e prático, em especial quando se marcam como ações de apropriação cultural imbricadas no campo da Museologia. Entre os teóricos que nos respaldam, tanto os autores da seara museológica, como não poderia deixar de ser, quanto os atuantes em outros domínios do conhecimento que estabelecem pontes com nosso campo, a presença de Pierre Bourdieu se faz relevante à medida que nos orienta na linha interpretativa dos processos de musealizar e patrimonializar como força ativa do poder simbólico. Fazendo-nos, por isso, estudar suas intervenções apropriadoras que, aparentemente, isentas de caráter de dominância alcançam legitimidade social, exercem feição tutelar aplicada por instâncias culturais cuja imagem encarna a (auto)declarada especialização de um conhecimento, a competência no tema e, também, modelam-se ajustadas para uma imagem social que, lentamente, desenhou os contornos de amplo e incisivo perfil voltado para a demanda de preservação dos signos culturais de múltiplas manifestações.

Em vista disso, ao elaborar nossa investigação no quadro da linguagem especializada da Museologia, estabelecemos no panorama de nosso trabalho como objetivo geral proceder à identificação e análise dos modelos de representação empregados para os termo e conceitos Musealizar e Patrimonializar no âmbito de políticas a cargo de instituições socialmente credenciadas, planos nacional e internacional, visando a construção e explicitação de um elenco integrando critérios orientadores para exercer nas manifestações a apropriação simbólica e a aplicação de intervenções caracterizadoras da feição bens culturais. Os objetivos específicos estão voltados ao perfil da competência institucional conjugando as determinações que ordenam qualificações relacionadas ao corpo

explicativo, o mesmo que modelos, e ao corpo prático, compreendendo atuações que conformam os processos para o enquadramento.

No plano teórico-metodológico, a pesquisa de natureza qualitativa vem sendo desenvolvida interpretando e comparando os conteúdos dos documentos de teor especializado cujo levantamento, em especial, em razão da questão em foco está baseado em fontes primárias (Brasil e exterior). Entre exemplos, podemos ressaltar a legislação de nosso país; as normas com denominações e níveis de abrangência diferenciados estabelecendo especificações e qualificações para enquadrar e proteger os bens; os registros para os bens simbólicos em variadas modalidades e designativos de esferas relativas ao aspecto da tutela legal ou simbólica para fins de salvaguarda nos modelos de inventários, catálogos de acervos, listagens de patrimônio, relações de tombamento. Também completando o contexto de nossas fontes de consulta e interpretação: artigos de autores especializados no tema; documentos e sites relacionados ao perfil público desenhado pelas instâncias competentes (nacionais e internacionais) e seus procedimentos.

E nesse ambiente de instâncias analisadas que tratam do patrimônio musealizado referenciando sob a perspectiva conceitual ou de ação o processo de musealização, podemos indicar alguns exemplos nesta parte do artigo, embora façamos menção ao final do tópico 3, apontando outras entidades: AMS, Associação de Museus Suiços (Suíça); Cofem, Conselho Federal de Museologia; IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus; Icom, International Council of Museums, Conselho Internacional de Museus, particularmente seu Comitê Internacional para Museologia, International Committee for Museology, Icofom; Icomos, International Council on Monuments and Sites, Conselho Internacional de Monumento e Sítios; instituições do Governo do Canadá (Canadá), do Ministério da Cultura (Portugal) e do Ministério da Cultura e Comunicação (França); Iphan, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;

Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization, Unesco.

No bojo do conjunto levantado e analisado foram encontrados elementos que refletem a questão abordada. Por essa razão, passaram a integrar um quadro analítico, interpretativo das especificidades relativas ao processo de apropriação cultural e de legitimação. Foram denominados Significações-Atributos e Juízo-Atitude, desse modo, são representações dos conteúdos da musealização nos aspectos que implicam a atribuição de sentidos, de valoração, de critérios, de ponderações e de procedimentos que estabelecem posturas conceituais e práticas destinadas ao exercício intervencionista.

Portanto, tomando como referência o panorama da pesquisa, trazemos um recorte feito no ambiente de nosso estudo abordando neste artigo somente o processo de musealização.

Destacamos determinados elementos básicos mercedores de apresentação por revelarem algumas das interpretações que já elaboramos até o presente. Dizem respeito aos componentes do elenco criado e nomeado como Indicadores Temáticos Teórico-Práticos⁴.

A análise dos indicadores nos permite interpretar nas políticas traçadas pelas instâncias culturais de referência do campo, nível nacional e internacional, os atos de fundo museológico e patrimonial expressos nas significações dadas, nos julgamentos atribuídos e valorados às objetivações. E, do mesmo modo, nas atitudes envolvendo critérios de seleção, de definição de qualidades ao que simbolicamente é interpretado e categorizado na perspectiva nomeada Bens Culturais.

Descerrando o recorte feito no nosso cenário de investigação que sinteticamente é apresentado no artigo, cabe-nos reunir e apresentar textos

⁴ Nesse conjunto interpretativo, no momento atual, ainda temos poucos itens em fase de construção porque o caminho vem mostrando tais possibilidades.

cujo arranjo para leitura faculta aproximação com o quadro de questões centradas na pesquisa. São elementos que continuam pertinentes pela contribuição que nos trazem, embora estudados em momentos diferentes e em outros ângulos interpretativos, conforme é possível constatar em artigos nossos produzidos em fase diversa. Mas, agora, agregam olhares em um prisma diferenciado adequando-se à problemática e discussão da pesquisa em foco.

Por conseguinte, o recorte feito nas fontes de consulta sobre musealização e nas interpretações aliadas aos resultados exhibe uma ambiência de representação cuja face é a forma cultural de natureza simbólica. E seu espaço de ação está exemplificado com comentários que trazemos para ilustrar o processo técnico-conceitual que opera no campo.

No que concerne aos fundamentos teóricos selecionamos determinadas construções que descortinam o panorama investigado, mostram os pontos que nos apoiam para acomodar nossa reflexão.

Para iniciar nos baseamos na configuração e no entendimento aplicados a Campo do conhecimento, pois nesse contexto nosso tema ocupa lugar.

Um campo, de acordo com o explicitado por Bourdieu ao longo de seus trabalhos, é um espaço de natureza autônoma, desse modo em sua constituição é dotado de independência para criar e recriar-se; estruturar o conhecimento desenhando sua especialidade; formular sua linguagem; discutir e definir suas questões, seus modelos teóricos, suas metodologias e atividades; ajustar-se e reorganizar-se perante novas ocorrências; reger suas próprias 'leis' – princípios, convenções, normas – legitimar seus agentes, as entidades e os profissionais que são os representantes do saber específico que o caracteriza. Tal constituição empresta-lhe uma forma de existência que, pouco a pouco e apropriadamente, torna-se sólida para deixá-lo ao abrigo de ingerências externas e dar-lhe um formato peculiar, único.

Como se fosse um território do mundo tangível apresenta-se demarcado. Porém, como não é material da ordem da visibilidade, a configuração se dá por um entendimento da existência de uma linha invisível e delimitadora dos limites, interpretada no mundo acadêmico como “fronteira do conhecimento”, conforme nos faz ver Julie Klein (1996, p. 4), o que indica uma separação estabelecida para cada área e, sobretudo, faz-se entender como um perímetro de proteção.

Essa conformação interpretativa ilustra o que se compreende por domínio especializado da realidade social, um espaço de significações habitado por um complexo de saberes e poderes. Por isso está modelado como campo do conhecimento, o mesmo que território de disciplinas acadêmicas, lugar no qual a interdependência entre o saber e o poder político se explica como representação mimética da ação do “poder simbólico”, estudado por Pierre Bourdieu; imagem teórica que sustenta nossa pesquisa alicerçada na identificação da musealização como exercício dessa força.

Tendo sido anunciada a presença do Poder Simbólico, foi preciso identificar o segundo ponto do panorama nas suas modulações para compreendê-las e reconhecê-las na investigação encetada. Assim nos deparamos com o aspecto de uma ação que se infiltra sutilmente no terreno e como estratégia simbólica percorre as malhas da sua rede de influência. Dessa maneira, aparelha-se em forma de potência construtora da realidade do campo, movimenta-se protegendo o conhecimento que o caracteriza e seu elenco de agentes: das pessoas às entidades.

O comportamento legitima a qualificação do saber definindo sua natureza sob a categoria de determinada especialização do conhecimento, o que vem refletir o perfil de domínio conceitual e operacional de um campo. E então, consoante classificação de uma especialidade dotada, a ação do poder simbólico termina por formalizar uma “distinção”, em conformidade com Bourdieu (1989, p.11-12), qual seja, uma posição que aponta para o critério da diferença, evidenciando a marca da exclusividade que cada campo detém.

O terceiro conceito que lidamos, nesses anos, por ser o horizonte da nossa pesquisa, tem sido a Linguagem de Especialidade, igualmente denominada Linguagem Profissional.

Nossa investigação se respalda nos estudos terminológicos que se valem da Socioterminologia e da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) -- lembrando os estudos de Maria Teresa Cabré (1999) -- portanto, considerando no “funcionamento da linguagem” (FAULSTICH, 1995, não paginado) os aspectos de variação que brotam do meio social.

Estamos abordando uma construção cultural específica do campo atuante como marco identitário baseada em conjunto de vocábulos que expressa por meio de termos e conceitos as reflexões da Museologia e da sua prática incluindo a presença do patrimônio. E essa terminologia especializada aplica designações próprias do território que se assemelham a um código, conseqüentemente, habilitado a promover a comunicação interpares, os especialistas e, por esse motivo, constitui elemento de coesão dos membros, aspecto da integridade do campo.

É sob tal modo de se manifestar que a linguagem espelha a “competência” (trataremos adiante), outro conceito trabalhado por Bourdieu, que identificado como envergadura profissional é outro item simbolicamente estratégico da especificidade dirigida a fortificar e resguardar as fronteiras disciplinares do espaço do saber. No assunto em questão, verificamos associar-se a outro ponto também analisado pelo mesmo teórico: o “capital cultural” (BOURDIEU, 1989, p. 122), lembrando que a linguagem profissional se firma, sobretudo, por constituir, de acordo com o que permanecemos afirmando por ser nosso entendimento, o Patrimônio do campo.

A relevância de um campo do conhecimento por deter uma forma comunicacional específica é reconhecida por ser a vocalização inteligível pela qual ecoa o complexo de conteúdos da produção científica em diversos espaços, ocasiões e circunstâncias. Dá-se a ocorrência de uma dinâmica de construção e harmonização das suas

expressões, na medida em que por ser a linguagem representativa do modo como um campo está pensando e agindo, reflete, também, o processo que ao envolver a consistência das suas questões aponta para a consolidação científica do campo.

E, ainda, a terminologia profissional é elemento primordial para elaboração da linguagem documentária relativa ao sistema de indexação e recuperação da informação que representa os conteúdos referentes à produção que diz respeito à reflexão questionadora sobre o campo da Museologia. E também aos elementos musealizados como coleções, acervos, territórios e demais manifestações relacionadas à representação museológica que atende pelo modelo cultural museu. Portanto, um conjunto temático especializado que precisa ser disseminado nos serviços de informação dos museus para atendimento das necessidades da demanda no local musealizado ou por acesso remoto.

Podemos constatar no contexto museológico a configuração da relevância da terminologia tomando como referência a recomendação feita pelo ICOM por ocasião da 12ª Assembleia Geral, realizada em Moscou, 1977, formulada pela

Resolução Nº 7: Terminologia Museológica

Considerando necessário definir os termos museológicos como uma importante contribuição para a melhoria mútua da compreensão entre os profissionais de museus em diferentes países,

Acreditando que no estágio atual da pesquisa museológica permitirá a compilação de um dicionário de termos de museus,

Exorta os Comitês Nacionais e Internacionais do ICOM a apresentarem suas propostas para terminologia museológica uniforme, tendo em conta as experiências práticas e teóricas acumuladas pela Museologia em todos os países (THE INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, c2010-2014, grifo do autor)⁵.

Prosseguimos com o quarto ponto trabalhado: a “Competência Cultural” (BOURDIEU, 1986, 1989). E o campo usando do exercício do poder simbólico (que o alimenta) realiza a outorga.

⁵ “*Resolution No. 7: Museological Terminology*” - “*Considering it necessary to define museological terms as an important contribution*

Trata-se de uma concessão atribuída às áreas e a seus agentes, os especialistas. Denotando qualificar a excelência de um saber próprio, a especialidade, por esse modo, vincula-se à aquisição e ao comando de valores integrantes da “legitimação” cultural (BOURDIEU, 1989, p. 8-16) exprimindo sentido de autoridade e de reconhecimento social.

Temos, em seguida, o elemento conceitual ao qual a competência se faz unida: o Capital Cultural, outro apontamento (o quinto) derivado das pesquisas de Bourdieu.

Diz respeito ao conhecimento construído e acumulado pelos agentes e referenda o espaço do conhecimento. É o saber especializado cultural e socialmente legitimado e identificado sob o traço de um predicado diferencial (distinto). Nós o reconhecemos dotado de caráter de um patrimônio construído pelo campo e, por essa razão, o mencionamos como tal em uma das suas representações, a Linguagem de Especialidade da Museologia.

O sexto e último ponto que selecionamos para explicar o pano de fundo da pesquisa: as Políticas. Foram consideradas as pautadas nas entidades envolvidas com o processo de musealização.

Apresentam-se como definições, diretrizes e ações institucionais integrantes de legislação, de demais documentos de cunho oficial e, ainda, as que estão formalizadas em titulações interpretadas como “missão”, “finalidades”, “objetivos”, entre outras denominações. E explicam-se em conformidade com procedimentos de organizações socialmente credenciadas, contexto nacional e internacional, dedicadas ao trato da temática representativa das significações identificadas no espectro da musealização.

to the better mutual understanding between museum professionals in different countries, / Believing that the present stage in museological research will permit the compilation of a dictionary of museum terms, / Appeals to the National and International Committees of ICOM to submit their proposals for a uniform museological terminology taking into account the practical and theoretical experience accumulated by museology of all countries”.

A análise da situação nos leva a acrescentar que se organizam e atuam atendendo proposições e atividades cujas intervenções conceituais, físicas e legais resultam de um discurso de cunho modelar, desse modo, de um pensamento normativo e de uma ação específica normalizada que sob a superfície da competente especialização consignam apropriações culturais do poder simbólico, socialmente aceitas porque legitimadas.

Antes de encerrarmos esse tópico devemos explicar o motivo da significativa presença de Andrée Desvallées a ser constatada no decorrer da leitura.

O museólogo e professor está abordando a terminologia museológica há longo tempo. Nessa trajetória inclui-se o projeto iniciado por ele, na década de 90, no Icofom, que mencionamos. E também as fontes produzidas no nosso campo que enfocam a musealização tomam-no, com razão, como referência pelo estudo e compilação que produziu acerca das explicitações ligadas ao tema. Em vista disso, decidimos explorar como um dos recursos básicos de nossa consulta o material que ele criou ou compilou em mais de 20 anos.

Assim recorremos à sua obra individual Terminología Museológica: Proyecto Permanente de Investigación, mídia eletrônica, edição conjunta Icofom, Icofom LAM, Tacnet Cultural; e ao Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie, publicação impressa, coordenada por ele e François Mairesse com participação de diversos colaboradores; editada em 2011 sob os auspícios do Icom e em dois volumes.

Entre os demais autores consultados, do mesmo modo, estão presentes aqueles que foram, ou ainda participam como membros do Icofom, organização que reúne profissionais de museus para discutir questões do campo em paulatino processo de construção teórica.

MUSEALIZAÇÃO: UM JUÍZO/ATITUDE DO PODER SIMBÓLICO ATIVO NO CAMPO DA MUSEOLOGIA

No cenário das características do campo, Bourdieu (1989) interpreta o poder simbólico como um espaço organizador, produtor, no qual circulam

bens culturais, mas que, ao mesmo tempo, faz ver a sua realidade simbólica entranhada de recursos teórico-práticos para intervir, qualificando-se culturalmente a apropriar-se dos bens.

Um exemplo significativo dessa ingerência, intervenção composta de modelagens e procedimentos, mostra-se em documento legislativo que modula postura institucional interpretando e dando respaldo aos especialistas, entidades e os indivíduos integrados.

Estamos falando da lei que criou o Instituto Brasileiro de Museus, (Ibram), e traça seu raio de atuação que intenta alcançar as representações do contexto humano de existência, ou seja, a proposição se articula descrita na formulação para que nada escape à possibilidade do exercício do processo de musealização.

Não grifamos nenhum trecho da citação porque todas as suas palavras são destacáveis pelo idêntico comprometimento.

Consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, Lei 11.906/2009, Cria... – IBRAM, 2009b).

A análise dessa condição conceitual e instrumental que o campo apresenta faz emergir o exercício do poder simbólico. É uma dinâmica favorecida pela estrutura presente nas suas fronteiras do saber, resultante de uma composição perfeitamente ajustada entre o que campo constrói e, ao mesmo tempo, o que nele está sendo praticado em diálogo constante. Assim, operando em adequado compasso nas evoluções aplicadas para as intervenções apropriadoras de feitiço simbólico.

Essa relação se confirma decorrente de um modelo do pensamento harmonizando atitudes exclusivas do domínio e o universo social que o representa, sustentada no imaginário da sociedade por ser merecedora de crédito, atestando qualificar-se como habilitação, uma competência reconhecida e por isso aceita.

Um exemplo dessa forma de intervenção, um modelo de interpretação e sua ação correspondente agindo na dimensão da cultura é o objeto do nosso enfoque, o processo musealização que, assim como na Patrimonialização, sustenta-se no elemento deflagrador consubstanciado no intento integrando preservação⁶ e salvaguarda de representações interpretadas como signos culturais que, em conformidade com Peter van Mensch, permite considerá-los no extrato de “objetos especiais”, merecendo inserção em “ambiente construído (“contexto museológico”) de modo a preservá-los” (MENSCH, 2004, p. 6, grifo do autor, tradução nossa)⁷.

Exprime-se nessa lógica a compreensão dada ao ato de musealizar por Martin Schärer, outro autor da Museologia, tomando-o como “preservação dos valores ideais das coisas como sinais” (SCHÄRER, 2009, p. 87, grifo nosso, tradução nossa)⁸.

Mais uma vez, reafirmamos que se trata da modalidade de um pensar e de um agir, o mesmo que modelo e ação empregados pelo campo do conhecimento da Museologia e, repetindo o que publicamos em obra anterior: diz “respeito ao processo que abrange o juízo/a atitude - eivado de significações, de conteúdo simbólico - em facetas [...] capazes, também, de ajustarem-se em movimentação permanente” (LIMA, 2013, p. 51), vindo a indicar, ainda, para a capacidade de uma dinâmica inesgotável.

De acordo com o que verificamos, o processo se comporta reinterpretando as manifestações culturais, naturais⁹, materiais e intangíveis tendo

⁶ Lembramos que o conceito preservar, inicialmente ligado ao elemento material tradicional, os objetos e outros itens musealizados, permite alcançar aplicação no contexto informacional. Portanto, além da interpretação clássica, aplica-se à preservação das informações geradas a partir dos objetos com finalidade de serem disseminadas em processo de transmissão cultural.

⁷ Mensch (2004): “We even may want to bring these special objects in a purpose built environment (“museological context”) in order to preserve it” [...].

⁸ Schärer (2009): “*Musealization is the preservation of the ideal values of things as signs*”.

como finalidade qualificá-las na categoria de Bem Cultural, uma

[...] atribuição de valor, um juízo elaborado pelo campo cultural que o consigna como elemento possuidor de caráter diferencial. E ao distingui-lo, deste modo, torna-o 'especial' e em posição de destaque perante os demais objetos da mesma natureza, emprestando-lhe sentido de 'excepcionalidade'" (LIMA, 2008, p. 36, grifo do autor).

A citação deixa transparecer a marca da distinção instituída pelo poder simbólico.

A significação de excepcional/excepcionalidade tem sido um dos critérios largamente aplicados para legitimar a apropriação cultural executada ao musealizar-patrimonializar.

Na pesquisa faz parte do nosso elenco de indicadores temáticos teórico-práticos estabelecidos e analisados e, lembrando, cada um deles é um termo/conceito da linguagem museológica.

MUSEALIZAÇÃO E O ESTATUTO DA LEGITIMAÇÃO

No processo de musealização o contexto do poder simbólico tem dois extratos inter-relacionados nos regentes que comandam a intervenção e apropriação cultural.

No primeiro, plano institucional, além da imagem do campo estão situadas as diversas instâncias especializadas dedicadas ao tema dos bens simbólicos; os museus sob as mais variadas formas de apresentação; as tipologias técnicas; os enfoques conceituais.

No segundo, nível dos executantes individuais, localizam-se os outros especialistas. No caso em questão: os museólogos por serem os detentores do

saber específico do domínio e demais profissionais oriundos de outros campos do conhecimento, parceiros ativos nos museus e nas demais instâncias socialmente legitimadas. São integrantes que representam os espaços e disciplinas do conhecimento, como também múltiplos setores que envolvem e participam na Museologia. Todos com assuntos relacionados aos museus como, por exemplo: antropologia, artes, astronomia, botânica, futebol, história, geologia, literatura, moda, música, zoologia...

Nesse quadro explicitamos o perfil das instâncias de legitimação cultural: são entidades locais, nacionais e internacionais, em contexto conceitual e prático que tratam das representações dos bens simbólicos musealizados, classificam e definem categorias, registram, estabelecem diretrizes e normativas para interpretação e uso, produzem documentos de compromisso, outorgam atributos de relevância em nível nacional. Como exemplo, no Brasil, um instrumento de proteção (tutela) legal que é o recurso do tombamento do bem; ou o exemplo em âmbito mundial alcançado por uma convenção da Unesco que caracteriza e cadastra o bem como representação de feito universal, o patrimônio da humanidade.

As instâncias estão representadas no Brasil e no exterior, entre outras, pelas seguintes instituições:¹⁰ -Condephat, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (São Paulo, Brasil); Ibram, Instituto Brasileiro de Museus (Brasil); Icmah, International Committee for Museums and Collections of Archaeology and History, Comitê Internacional para Museus e Coleções de Arqueologia e História; Inepac, Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Rio de Janeiro, Brasil); -ICCROM, International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property, Centro Internacional para Estudos de Preservação e Restauração de Bens Culturais; Icom, International Council of Museums, Conselho Internacional de Museus;

⁹ Embora entendendo as questões que originaram a classificação para nomear distintamente um bem cultural e um bem natural, torna-se significativo o alcance ao aplicar a nomenclatura Bem Cultural englobando o que se origina da natureza em razão de, como já afirmamos outras vezes, ser o olhar cultural na sua perspectiva simbólica que determina para qualquer manifestação o 'valor' Bem.

¹⁰ Entre novas entidades apresentadas há algumas que foram mencionadas no tópico 1.

Icomos, International Council on Monuments and Sites, Conselho Internacional de Monumentos e Sítios; Iphan, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil); TICCIH, International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage, Comissão Internacional para a Conservação do Patrimônio Industrial; Unesco, United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Encerrando essa amostra do grupo legitimador da musealização, temos a representação institucional do campo da Museologia que interage com a sociedade: a instância museu.

MUSEALIZAÇÃO: SIGNIFICAÇÕES / ATRIBUTOS E JUÍZO / ATITUDE LEGITIMANDO A APROPRIAÇÃO CULTURAL

Essa parte do artigo traz na sua composição uma estrutura destacando exemplos de recortes feitos nas fontes e interpretados. São extratos nos quais a representação dos seus teores traz à luz os sentidos e valores que sustentam a lógica que atribui significações para orientar, definir, qualificar e atribuir às múltiplas manifestações o *status* de um bem simbólico. É, por essa razão, tal elemento do mundo se torna alvo dos olhares especializados, cujos cuidados expressam e encerram carga de tutela cultural.

Os recortes foram agrupados em conjuntos que obedecem à relação de semelhança expressa pela associação dos conteúdos que tratam das interpretações qualificando os bens, isto é, as significações/os atributos, estando as interpretações justificadas pela unidade composta por critérios e procedimentos especializados, ou seja, o juízo/a atitude.

É, portanto, da combinação entre significações/ atributos e juízo/atitude que surge a imagem habilitada a sustentar a intervenção apropriadora e representada pelo exercício do poder simbólico existente no processo musealização.

Estamos diante de uma forma cultural institucionalizada que estabelece a legitimação social no encadeamento das representações criadas. Ao serem olhadas de maneira isolada não deixam transparecer a eficácia das significações, dos atributos, dos juízos, das atitudes, pois se organizam das várias maneiras que se fazem necessárias para sua atuação. Assim se podem articular, interagir, interconectar, interpenetrar, entrecruzar, superpor. Tal mecânica entretecida vem explicar a força multifaceta da musealização.

As modalidades simbólicas do musealizar se fazem perceptíveis nas afirmativas das fontes e nos nossos comentários (sintéticos, em razão dos limites de páginas) que, a seguir, expomos.

- **Primeiro conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - musealização; musealidade.

A análise dos documentos nos faz verificar que há dois termos/conceitos considerados relevantes para o espaço do conhecimento museologia: a musealização e a musealidade.

Mensch, por exemplo, leva a compreender que “Museologia pode ser definida como ‘o estudo da musealização e da musealidade’” (MENSCH, 2004, p. 6, grifo do autor, tradução nossa)¹¹, e também que ambos resumem a ambiência de significações e objetivações do campo museológico.

No mesmo trecho citado o autor comenta: Dois termos-chave são dignos de menção aqui: “musealização” e “musealidade”. Ambos os termos foram cunhados pelo museólogo tcheco Zbynek Stránský. No caso dos museus “musealização” significa conceitual e, usualmente, também a transferência física de objetos do “contexto primário” para o “contexto museológico”. “Musealidade” se refere aos sentidos atribuídos aos objetos que são a causa do processo de musealização, ou que são o

¹¹ Mensch (2004): “*Museology may be defined as ‘the study of musealisation and museality’*”.

resultado desse processo (MENSCH, 2004, p. 6, grifo do autor trecho entre aspas; tradução nossa, grifo nosso sublinhado)¹².

Atribuir um valor cultural é prerrogativa e decisão do campo apropriada a questões da sua realidade, o contexto museológico.

A Musealidade nessa perspectiva de afirmação do campo propõe “designar o valor cultural ou a qualidade de uma [verdadeira] coisa musealizada. [...] Esse valor é chamado “musealidade”, porque não é mais a realidade”, segundo Desvallées e Mairesse (2011, p. 625, interpolação do autor, tradução e grifo nosso)¹³.

A Musealidade é a modelagem criada pela ação musealizadora ao modo de uma ideia substituta, uma imagem recontextualizada para referenciar aquela referida ao original em sua procedência. De acordo com os mesmos autores citados no parágrafo anterior e na mesma obra é um “substituto complexo, ou modelo de realidade construído no seio do museu, [que] constitui a musealidade, ou seja, um valor específico que emana das coisas musealizadas” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 252, tradução, interpolação e grifo nosso)¹⁴.

Outro autor se pronuncia explicando que a musealidade detém uma “‘qualidade’ que [se] imprime e configura efetivando a mudança da realidade dita de origem por outra situação: a construção da ‘realidade’ musealizada”. E ainda que tal característica

de que é dotada “é um atributo que assume caráter definidor e valorativo, uma ‘especificidade’ outorgada por condição do campo da Museologia pela sua via expressiva de representação, o Museu” [...] (LIMA, 2013, p. 52, interpolação e grifo nosso).

Depois de (re)interpretações feitas pelos autores podemos ouvir Zbyněk Zbyslav Stránský que, conforme atestam os demais autores do campo que o tomam como referência, é o formulador dos dois conceitos que, a nosso ver, podemos ter como interativos. A fonte é datada de 2008, portanto, após cerca de mais de um quarto de século da apresentação pública das noções. Refere-se ao encontro *Museology and the start of the 3rd millenium – theory and practice*, realizado no Lecture Hall do Technické Muzeum, realizado em outubro do mesmo ano na cidade de Brno, onde está situada a Universidade Masaryk (República Tcheca), tradicional reduto de estudos museológicos do leste europeu, no cenário do campo.

O artigo de Stránský abre a edição, o que nos leva a acreditar que o professor tenha feito a conferência de abertura do evento.

Em minha opinião o caráter distintivo do conhecimento sobre a realidade feito pelo Museu consiste em capturar aqueles testemunhos ontologicamente autênticos, naturafatos, artefatos e mentalfatos que por sua capacidade de testemunho representam esse valor de memória cultural que tem significado de construção da cultura para a pessoa e para toda a sociedade. Por esse valor eu apresentei o conceito de musealidade e isso induz o processo de musealização da realidade. Isto está em conformidade com a interpretação atual da memória, que diz respeito não só ao psíquico, mas também realidades orgânicas e inorgânicas. Prova desta tendência é a formação da memética e da teoria dos meme, e em particular sua aplicação à cultura [...] (STRÁNSKÝ, 2009, p.15-16, grifo da autora)¹⁵.

A Musealidade se caracteriza por uma nova ‘realidade’ que empresta ao que interpreta um toque diferenciador, exclusivo, marcado pela distinção, perspectiva reforçada pelo pensamento exposto na citação.

¹² Mensch (2004): “Two key-terms are worth mentioning here: “musealisation” and “museality”. Both terms are coined by the Czech museologist Zbynek Stránský. In case of museums “musealisation” means the conceptual and usually also physical transfer of objects from the “primary context” to the “museological context”. “Museality” refers to the meanings attributed to objects which are the cause of the process of musealisation, or which are the result from this process”.

¹³ Desvallées e Mairesse (2011): “*désigner la valeur culturelle ou la qualité d’une [vrai] chose muséalisée. [...] La raison pur laquelle cet objet a été sélectionné est sa valeur de témoignage de la réalité qu’il documente. [...] Cet valeur est appelé “muséalité”, car il ne s’agit plus de la réalité*”.

¹⁴ Desvallées e Mairesse (2011): “*substitut complexe, ou modèle de la réalité construit au sein du musée, constitue la muséalité, soit une valeur spécifique se dégageant des choses muséalisées*”.

¹⁵ Stránský (2009): “*In my opinion the distinctiveness of the museum acquisition of reality consists of capturing those ontologically authentic*

- **Segundo conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Mudança de Estado; do Comum à Museália.

A força da simbolização transmuda o sentido de uma coisa qualquer do nosso mundo para significar um objeto musealizado, o mesmo que museália. O novo *status* integra-o à coleção, ao acervo, caracteriza-o inserindo no campo museológico.

Jean Davallon afirma: “Esse processo é a musealização: consiste na transformação do estatuto do objeto em um objeto museológico” (DAVALLON, 2009, p. 15, tradução e grifo nosso)¹⁶.

E outras fontes vêm apontar como se instala o processo de musealização:

[...] uma etapa de separação (Malraux, 1951) ou de suspensão (Déotte, 1986): os objetos ou as coisas (objetos reais) são separados de seu contexto de origem para serem estudados como documentos representativos da realidade que os constituía. Um objeto de museu não é um objeto destinado a ser usado ou trocado mas transmite um testemunho autêntico sobre a realidade” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 251, tradução e grifo da autora)¹⁷.
Separação - Primeira etapa da operação de musealização, na qual as coisas reais são separadas do seu ambiente de origem e adquirem o status de objetos de museu ou musealias. Lá onde André MALRAUX afirmou que

witnesses, naturefacts, artifacts and mentefacts which by their witnessing capability represent that cultural-memory value which has culture-building significance for a person and for the whole of society. For this value I introduced the concept of museality as it motivates the process of musealization of reality. This is in accordance with the current interpretation of memory, which concerns not only psychic, but also organic and inorganic realities. Evidence of this trend is the formation of memetics and the meme theory, and in particular its application to culture” [...].

¹⁶ Davallon (2009): “This process is musealization: it consists in transforming the status of the object into a museum object”.

¹⁷ Desvallées e Mairesse (2011): “La muséalisation commence par une étape de séparation (Malraux, 1951) ou de suspension (Déotte, 1986 apud Desvallées, 2000): des objets ou des choses (vraies choses) sont séparés de leur contexte d’origine pour être étudiés comme documents représentatifs de la réalité qu’ils constituaient. Un objet de musée n’est plus un objet destiné à être utilisé ou échangé mais est amené à livrer un témoignage authentique sur la réalité”.

o Museu “*separa*” a obra do mundo, alguns filósofos, como Jean-Louis Déotte, qualificam, adequadamente, de “*suspensão*” a operação de *musealização* [...]. E, a esse fato, Déotte denomina “*suspensos*” os *objetos de museus*” (DESVALLÉES, 2000, p. 72, grifo do autor)¹⁸.

Em se tratando da transcrição do pensamento de Déotte, um teórico da estética, a imagem de suspensão relacionada à coisa musealizada (que foi sustada, interrompida) tem seu contexto de reflexão na arte e aponta para o sentido de algo que está incompleto. O que nos permite refletir que a mudança dada pela apropriação implica operação de perda cultural pela descaracterização, daí a incompletude, significado que atinge e passa a existir naquilo que foi musealizado.

Ainda nessa linha de pensamento, Martin Schärer, abordando a musealização, aponta que “*interrompe processos dinâmicos*”, e explicitando a afirmativa prossegue:

Em outras palavras: no processo de musealização, o espírito original e o contexto social íntegro das coisas desaparecem; são remanescentes os “*envoltórios físicos*” que serão cientificamente e sistematicamente classificados como ilustrações ou comprovações de algo. Por assim dizer, o objeto é salvo da sua “*morte*” (a retirada do seu primeiro contexto). Musealização também significa chegar a um acordo com algo estranho, com o outro. Uma coisa musealizada tornou-se algo diferente de sua realidade anterior, embora seja fisicamente idêntica ao que era. O objeto é real, mas já não é mais encontrado entre o real (SCHÄRER, 2009, p. 88, grifo do autor, tradução da autora)¹⁹.

E continuamos exemplificando a musealização com outro autor e duas citações:

¹⁸ “Séparation. n. f - Première étape de l’opération de muséalisation, par laquelle les vraies choses sont séparées de leur milieu d’origine et acquièrent le statut d’objets de musée ou de muséalies. Là où André MALRAUX énonçait que le musée «séparait» l’oeuvre du monde, certains philosophes, comme Jean-Louis DÉOTTE, qualifient, à juste titre, de «suspension» l’opération de muséalisation [...]. Et, de ce fait, DÉOTTE dénomme «suspens» les objets de musées” (DESVALLÉES, 2000, p. 72, grifo do autor).

¹⁹ Schärer (2009): “The tradition-creating musealization process halts dynamic processes. In other words: in the process of musealization, the original spirit and the integrative social context

De um ponto de vista estritamente museológico, a musealização é uma operação para extrair, fisicamente e conceitualmente, uma coisa de seu meio natural ou cultural de origem e conferir-lhe um estatuto museológico, para transformá-la em *musealium* ou museália, “objeto de museu”, ao fazê-la entrar no campo museológico (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 251, grifo do autor itálico; tradução da autora, grifo da autora sublinhado)²⁰.

Foi a constatação dessa mudança de natureza que conduziu Stránský, em 1970, a propor o termo *musealia* para designar as coisas que passam pela operação de musealização e que podem, assim, possuir o estatuto de objetos de museu (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p.251, grifo do autor itálico; tradução da autora, grifo da autora sublinhado)²¹.

Conforme nos é dado perceber, a musealização nos planos conceitual e operacional é um juízo/atitude. E, em qualquer circunstância que ocorra, é postura de ingerência e apropriação do campo simbólico, porque determina novo contexto de existência alterando a relação com a realidade para aquilo que veio agregar à sua esfera.

- **Terceiro conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Institucionalização; Cientificidade.

A consolidação de um campo do conhecimento, entre outros aspectos, inclui configurar seu caráter

of things disappear; remaining are the “physical wrappings” that will be scientifically and systematically classified as illustrations or substantiations of something. In a manner of speaking, the object is saved through its “death” (a departure from its first context). Musealization also means coming to terms with something foreign, with the other. A musealized thing has become something other than its previous reality, although it is physically identical to what it was. The object is real, but is no longer found among the real”.

²⁰ Desvallées e Mairesse (2011): “D’un point de vue plus strictement muséologique, la muséalisation est l’opération tendant à extraire, physiquement et conceptuellement, une chose de son milieu naturel ou culturel d’origine et à lui donner un statut muséal, à la transformer en *musealium* ou *musealie*, “objet de musée”, soit à la faire entrer dans le champ muséal”.

²¹ Desvallées e Mairesse (2011): “C’est le constat de ce changement de nature qui conduit Stránský, en 1970, à proposer le terme de *musealia* pour désigner les choses ayant subi l’opération de muséalisation et pouvant ainsi prétendre au statut d’objets de musée”.

no extrato da atividade científica englobando entre demais quesitos: o objeto de estudo, as problematizações, metodologias, disciplinas, relacionando-os à transmutação de algo comum em algo complexo, musealizado.

Em paralelo é preciso também se legitimar no espaço social pela institucionalização, conforme entende Davallon: “Essa mudança de estatuto por um lado é uma operação científica, e por outro lado é certificada pelo reconhecimento institucional” (DAVALLON, 2009, p. 28, tradução e grifo nosso)²². E, assim, o processo de musealizar se caracteriza em conformidade com Desvallées por “singularizar juridicamente” e por ser “uma decisão administrativa” (2000, p. 71, tradução e grifo nosso)²³.

Ainda Desvallées, estudioso da terminologia do campo juntamente com seu colaborador, Mairesse, afirma:

[...] a musealização, entendida como processo científico, necessariamente implica em um conjunto de atividades do museu: preservação (seleção, aquisição, gestão, conservação), pesquisa (portanto, catalogação) e comunicação (por meio da exposição, das publicações, etc.) ou, conforme o ponto de vista de Stránský: seleção, tesaurização, apresentação (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 253, tradução e grifo da autora)²⁴.

Os autores na mesma fonte e complementando a qualificação do campo afirmam que o objeto musealizado “inscreve-se no coração da atividade científica do museu” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 252, tradução e grifo da autora)²⁵.

²² Davallon (2009): “Ce changement de statut d’une part tient à une opération scientifique, et d’autre part il est certifié par une reconnaissance institutionnelle”.

²³ Desvallées (2000): “singulariser juridiquement /// une décision administrative”.

²⁴ Desvallées e Mairesse (2011): “la muséalisation, comme processus scientifique, implique nécessairement l’ensemble des activités du musée: préservation (sélection, acquisition, gestion, conservation), recherche (dont le catalogage) et de communication (par le biais de l’exposition, de publications, etc.) ou, selon le point de vue de Stránský: sélection, thésaurisation, présentation”.

²⁵ Desvallées e Mairesse (2011): “l’objet-document muséalisé, s’inscrit au coeur de l’activité scientifique du musée”.

A musealização, ao se caracterizar como um processo institucional com perfil cultural apropriador, estabelece, em função dessa atitude, um modelo cujo sentido é valorizar as manifestações naturais e culturais. E o significado emprestado de estatuto científico amplia a percepção, encaminha para a atribuição de lidar com itens comprobatórios da existência do contexto que habitamos, conforme veremos no próximo segmento.

- **Quarto conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Testemunho; Documento; Referência primária.

As manifestações após serem ajuizadas e tornarem-se objetos de tratamento científico e, desse modo, tomadas em outra perspectiva da realidade, a museológica, adquirem um valor testemunhal; outorga do campo que está corporificada na união musealização-musealidade: “A musealização produz a musealidade, valor documental da realidade,” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 252, tradução e grifo da autora)²⁶. E também em outro trecho da mesma edição: “A razão pela qual este objeto foi selecionado é seu valor de testemunho da realidade que documenta” (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 625, tradução e grifo da autora)²⁷.

E não só os profissionais do campo afirmam a qualificação.

No Brasil, um dispositivo legal relacionado à instância tutelar configura a condição de prova.

Art. 2º Para os fins desta Lei, são consideradas: [...]

II – bens culturais musealizados: o conjunto de testemunhos culturais e naturais que se encontram sob a proteção de instituições museológicas; (BRASIL. Lei 11.906/2009, Cria... – IBRAM, 2009b, grifo da autora).

²⁶ Desvallées e Mairesse (2011): “La muséalisation produit la muséalité, valeur documentant la réalité, mais qui ne constitue en aucun cas la réalité elle-même”.

²⁷ Desvallées e Mairesse (2011): “La raison pour laquelle cet objet a été sélectionné est sa valeur de témoignage de la réalité qu’il documente”.

Durante o Simpósio Objeto-Documento? – realizado pelo Icofom/Icom, Damien Watteyne (1994, p. 127), ao refletir questionando se há diferença entre “uma coisa, um objeto, um documento” na “musealização”, e se “tais transformações são inerentes ao objeto, à sua natureza ou à sua essência”, expressa sua ideia:

A mudança do estatuto do objeto para documento se faz desde que haja comunicação. Essa comunicação *trans-semantiza* o objeto. Há uma interação entre a suposta prática cultural atribuída ao criador, a prática cultural de quem concebe a comunicação e a prática cultural do usuário do museu. [...]

5) léxico museológico

Coisa: elemento indeterminado.

Objeto: elemento materializando um projeto ou uma idéia.

Objeto-museália: coisa ou objeto musealizado, não-semantizado pela sua inserção no museu.

Documento: objeto trans-semantizado. São comunicados somente alguns aspectos de sua integridade semântica (WATTEYNE, 1994, p.127-128, grifo do autor)²⁸.

Tomando-se o objeto trans-semantizado de Watteyne, objeto musealizado qualificado como documento, no que concerne à interpretação do seu significado (semântica) carece do que possa ser considerado como ter alcance ao seu entendimento pleno – em especial na afirmação “suposta prática cultural atribuída ao criador” (grifo nosso); e em razão de tal reflexão do autor torna-se possível relacionar à ideia de algo incompleto e que está consignada na imagem de suspensão construída por Déotte (apud DESVALÉES, 2000), que mencionamos no Segundo Conjunto.

²⁸ Watteyne (1994): “Qu’est-ce qui, dans le processus de muséalisation, différencie une chose, un objet, un document? Ces transformations sont-elles inhérentes à l’objet, à sa nature ou à son essence? Le changement de statut de l’objet vers le document se fait lorsqu’il y a communication. Cette communication trans-sémantise l’objet. Il y a interaction entre la pratique culturelle supposée du créateur, la pratique culturelle vécue du concepteur de la communication et la pratique culturelle voulue chez l’utilisateur du musée [...] / 5) lexique muséologique. Chose: élément indéterminé./ Objet: élément matérialisant un projet ou une idée./ Objet-musealia: chose ou objet muséalisé, non-sémantisé par son insertion dans le musée./ Document: objet trans-sémantisé. Seuls sont communiqués quelques aspects de son intégrité sémantique”.

As manifestações musealizadas na interpretação valorativa de documento também permitem serem consideradas fontes primárias de consulta. O Código de Ética para os Museus do Icom no item 3.1 observa: “Os acervos como referências primárias” (THE INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2009, p.19, grifo da autora). Nas versões em inglês, francês e espanhol (idiomas oficiais da instituição) o texto correspondente indica: “*primary evidences*”, “*témoignages de premier ordre*”, “*testemonios esenciales*”.

Em sendo documentos de primeira mão são tidos como detentores de carga de veracidade. A ideia é expressa por Klaus Schreiner (1985, p. 63, tradução e grifo da autora)²⁹, “Os musealia (objetos de Museu) tanto são objetos móveis autênticos que, como evidências irrefutáveis, revelam o desenvolvimento da natureza, da sociedade” [...].

Essa particularidade se completa com outra conotação de valor, a faceta autenticidade que abordaremos no sexto conjunto.

- **Quinto conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Objeto; Pesquisa; Informação; Comunicação.

O que se musealizou, conforme exposto pelas citações, adquire um valor de prova ao modo de uma testemunha. E tal condição particular nos faz refletir acerca do objeto – por extensão, qualquer item musealizado – nomeado por Mensch (1992, não paginado) “mensageiro de dados”³⁰ (“*data carrier*”) e por Desvallées e Mairesse (2011, p. 252), “portador de informação” (“*L’objet porteur d’information*”).

²⁹ Schreiner (1985): “Musealia (museum objects) are such movable authentic objects which, as irrefutable evidences, exemplify the development of nature, society, for a long time, are set to a fixed state”.

³⁰ Preferimos traduzir como mensageiro de dados em nosso artigo datado de 1997/2008 (LIMA, 2008). O motivo é a ideia exposta no texto de Mensch sob o teor da Comunicação. No trecho no qual está situada a expressão por ele usada o sentido dado relaciona-se ao objeto que representa a mensagem (o conteúdo de representação da informação), daí a correlação que fizemos em lugar, por exemplo, de um portador, aquele que leva algo mas não, necessariamente, representa.

Nessa trilha reflexiva revisitamos o valor documento primário, fonte almejada por qualquer pesquisador. E nos deparamos com atividades detidas pela musealização: a pesquisa e a comunicação nos museus disseminando a informação construída a partir dos dados do objeto, da coleção/acervo interpretado (museália).

O valor informacional atribuído ao que foi musealizado é enfocado por Stránský (1974) citado por Mensch em sua tese de doutorado (1992):

“Sob o conceito de autenticidade e, portanto, musealidade do documento, temos que compreender suas propriedades concretas e perceptíveis, o seu valor informacional (como fonte de informação original), independentemente de sua natureza ou caráter” (1974 apud MENSCH, 1992, não paginado, tradução e grifo da autora)³¹.

Também a questão da fonte primária se expressa na menção ao termo “original”.

E na forma institucional museu, objetivação da Museologia que se relaciona diretamente com o público, em especial o de perfil especializado, usuário dos serviços de informação, o valor/atributo ‘informação’ associado ao material musealizado é parte capital para construir a imagem de competência cultural “ao serviço da sociedade”, conforme reza o Código de Ética do Icom, na sua definição de museu (THE INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2009, p. 28).

Vejamos a expressão desse pensamento nessa publicação:

Os museus devem estabelecer e aplicar políticas que garantam que os acervos (tanto permanentes como temporários) e suas respectivas informações, corretamente registradas, sejam acessíveis para uso corrente e venham a ser transmitidas a gerações futuras [...] (THE INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2009, p.17-18, grifo da autora).

³¹ Stránský (1974 apud MENSCH, 1992): “Under the concept of authenticity and, thus, museality of the document we have to understand its concrete and perceivable properties, its informational value (as a source of original information), regardless to its nature or character”.

A pesquisa elaborada a partir da musealização, segundo Ulpiano Bezerra de Meneses, é “processo de transformação do objeto em documento (que é, afinal, o eixo da musealização) [e] introduz referências a outros espaços, tempos e significados numa contemporaneidade que é a do museu, da exposição e de seu usuário” (1994, p.31-32, interpolação e grifo da autora).

A investigação no museu abre um horizonte de possibilidades para a produção do conhecimento da instituição e, por extensão, para o campo museológico.

- **Sexto conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Autenticidade.

Entre alguns valores já mencionados é interessante lembrar a autenticidade, um dos critérios seletivos que, ao lado da preservação, é caráter frequente a justificar o processo musealização. O objeto é percebido como algo genuíno e assim inestimável nessa interpretação do valor de algo autêntico, uma presença, mesmo que fragmentada (ou suspensa), da ‘verdade’ do mundo e que está sediada no museu. Enfocando o assunto de objetos originais, verdadeiros e sua compreensão valorativa, Schreiner (1985, p.63, grifo da autora) explica que “um objeto autêntico só é assim considerado no âmbito de uma estrutura de relação determinada e com referência a certas condições. Portanto, nunca devemos esquecer a que sua autenticidade está relacionada”. Com respeito a tais condições informa que: “o problema da autenticidade somente existe como consequência de situações especiais em que o objeto será integrado”. O autor aponta-nos a ação e sua perspectiva circunstancial.

Prossegue afirmando: “Relaciona-se ao estabelecido, que as informações transmitidas pelo objeto, são na realidade genuínas, garantidas, evidentes, verdade”. E retomamos seu pensamento complementando em outro ângulo uma citação, em parte, apresentada (quarto conjunto): “Museália (objetos de Museu) tanto são objetos móveis autênticos

que, como evidências irrefutáveis, exemplificam o desenvolvimento da natureza, da sociedade, e há longo tempo são assim designados” [...]”³².

E do mesmo modo Stránský (1974) reforça a ideia. Novamente usamos o recurso de repetir parte de citação transcrita no quinto conjunto e com outro valor (informacional), mas agora indicando que “Sob o conceito de autenticidade, [...] temos que compreender suas propriedades concretas e perceptíveis,” [...] (Stránský, apud MENSCH, 1992).

As vozes museológicas nos dizem que é pela emissão das suas reflexões especializadas e que permeia a operação musealizadora que se dá a certificação para um item autêntico.

- **Sétimo conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Herança/Herança cultural.

Prosseguimos no encadeamento das representações dos atributos que balizam interpretações do campo. Um deles é a relação estabelecida para as manifestações a serem musealizadas pela percepção da perspectiva de um valor de legado intergeracional em movimento de progressão, uma herança em permanente transmissão.

Para ilustrar essa construção cultural escolhemos recortes de textos de autores brasileiros: “Por musealização entendo o processo constituído por um conjunto de fatores e diversos procedimentos que possibilitam que parcelas do patrimônio cultural se transformem em herança, na medida em que são alvo de preservação e comunicação”

³² Schreiner – “An object is only authentic within the framework of a relational statement and with reference to certain conditions; therefore we must never forget what its authenticity is related to”. “The problem of authenticity only exists in consequence of special situations and relations into which the object will be integrated”. “It relates to the statement, that the informations transmitted by the object are in reality genuine, guaranteed, evident, true”. “Musealia (museum objects) are such movable authentic objects which, as irrefutable evidences, exemplify the development of nature, society, for a long time, are set to a fixed state”.

(BRUNO, 1996, p. 56). Outro autor: “As vertentes das modalidades culturais interpretativas compostas pela [...] musealização [...] são legitimadas para zelar por um conjunto de bens, detentor de valor cultural e destinado à transmissão como herança coletiva” (LIMA, 2012, p.48).

O entendimento engloba as distintas marcas das culturas dos grupos sociais em passagem que une tempos cronológicos e culturais diferenciados.

- **Oitavo conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Memória Social; Identidade Cultural.

Mais uma representação que se relaciona ao pensamento anterior em corrente interpretativa. Agora, no cenário referente à transmissão da herança cultural dos grupos sociais às gerações, na passagem das tradições e construída na imagem do pertencimento cultural, o sentido da identidade, a marca grupal e distinta que vive no contexto da memória social.

O Código de Ética do Icom para Museus assim se expressa no tópico 6. “Os museus trabalham em estreita cooperação com as comunidades de onde provêm seus acervos, assim como com aquelas às quais servem”. E prossigue no item Princípio:

Os acervos dos museus refletem o patrimônio cultural e natural das comunidades de onde provêm. Desta forma, seu caráter ultrapassa aquele dos bens comuns, podendo envolver fortes referências à identidade nacional, regional, local, étnica, religiosa ou política (THE INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS, 2009, p. 23, grifo da autora).

Em outra fonte, agora de caráter legislativo, a questão da identidade se faz presente nas Disposições Gerais, capítulo I, artigo quinto, parágrafo primeiro da Lei que instituiu o Estatuto de Museus. Assim, o pensamento normativo está inscrito no quadro do tema relacionado ao aspecto da criação do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), universo da regência do modelo da musealização que se realiza no Brasil:

§ 1º Consideram-se bens culturais passíveis de musealização os bens móveis e imóveis de interesse público, de natureza material ou imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência ao ambiente natural, à identidade, à cultura e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, Lei 11.904/2009, 2009a, grifo da autora).

Schärer complementa a associação identitária ao afirmar que: “Através do processo de musealização, as coisas são re-valorizadas e assumem uma nova qualidade: musealidade. Tornam-se documentos como portadores da memória individual ou coletiva e tradição” (SCHÄRER, 2009, p. 88, tradução e grifo nosso)³³.

A musealização, portanto, na questão que implica a mudança de contexto e de estado produzidos tem sua atuação significando uma força construtora e reconstrutora de memória das coletividades.

- **Nono e último conjunto, significações/atributos - juízo/atitude:** Indicador temático teórico-prático - Duplo Papel / Patrimônio Musealizado.

A musealização tem ainda, uma condição peculiar. Atua com caráter de duplo efeito, pois também produz a patrimonialização, segundo afirmativa das fontes. Agrega ao bem musealizado, nas palavras de Desvallées e Mairesse, o “estatuto patrimonial” (2011, p.625).

Ouçamos, então, demais autores:

Mensch: “A transferência de objetos de uma esfera para outra cria um setor especial de nosso ambiente material, identificado como patrimônio” (MENSCH, 2004, p. 6, tradução e grifo nosso)³⁴.

³³ Schärer (2009): “Through the process of musealization, things are re-valued and assume a new quality: museality. They become documents as carriers of individual or collective memory and tradition,” [...]

³⁴ Mensch (2004): “The transfer of objects from one sphere to the other creates a special sector of our material environment, identified as heritage”.

Davallon: “musealização é uma forma de patrimonialização – um objeto de qualquer natureza tornando-se parte do “patrimônio”” (DAVALLON, 2009, p.15, grifo do autor itálico, tradução da autora, grifo da autora sublinhado)³⁵.

Retomando a fonte Desvallées e Mairesse: “Podemos denominar patrimonialização ou preservação museológica”. E prosseguindo: “A patrimonialização participa do processo de musealização, mas não o engloba totalmente: tudo que é musealizado é patrimonializado, mas tudo que é patrimonializado não é musealizado” [...] (2011, p. 254, grifo do autor itálico, tradução nossa, grifo nosso sublinhado)³⁶.

Outras afirmativas de autores e instâncias:

[...] a musealização designa tornar-se museu ou, de maneira mais geral, a transformação de um espaço de vida, centro de atividades humanas ou um sítio natural em algum tipo de museu. O termo *patrimonialização*, sem dúvida, descreve melhor esse princípio que repousa essencialmente na idéia de preservação de um objeto ou de um lugar, mas que não se aplica ao conjunto do processo museológico (DESVALLÉES; MAIRESSE, 2011, p. 251, grifo do autor, tradução da autora)³⁷.

Art. 3º O Ibram tem as seguintes finalidades: [...]

II - estimular a participação de instituições museológicas e centros culturais nas políticas públicas para o setor museológico e nas ações de preservação, investigação e gestão do patrimônio cultural musealizado; (BRASIL, Lei 11.906/2009 – Cri...- IBRAM..., 2009b, grifo da autora).

³⁵ Davallon (2009): “musealization is a form of patrimonialization – an object of any nature becoming part of the “heritage””. Na versão francesa houve supressão do texto original: “Par conséquent, conclut Jean Davallon sur ce point, la muséalisation est une modalité de la patrimonialisation”. [cortado] “En effet, si l’on” [...]

³⁶ Desvallées e Mairesse (2011): “On peut appeler patrimonialization ou préservation muséale”. (...) “La patrimonialisation participe du processus de muséalisation, mais ne l’englobe pas totalement: tout ce qui est muséalisé est patrimonialisé, mais tout ce qui est patrimonialisé n’est pas muséalisé”.

³⁷ Desvallées e Mairesse (2011): “la muséalisation désigne la mise au musée ou, de manière plus générale, la transformation en une sorte de musée d’un foyer de vie: centre d’activités humaines ou site naturel. Le terme de patrimonialisation décrit sans doute mieux ce principe qui repose essentiellement sur l’idée de préservation d’un objet ou d’un lieu, mais ne porte pas sur l’ensemble du processus muséal”.

Encerramos o tópico no qual delineamos em nove conjuntos temáticos e em traço de breves menções os aspectos do perfil da musealização para que fosse possível dar conta da sua representação multifacetada.

ANOTAÇÕES PARA FINALIZAR

Em nossa investigação, conforme foi exposto no presente artigo, coligimos os pensamentos expressos na documentação de análise identificando, interpretando os elementos que consideramos no papel de formadores de um modelo do discurso e da ação do campo museológico, os quais se apresentam como aspectos determinantes para modular, formalizar o processo de musealização e redundar na forma cultural e apropriadora de Bem Simbólico.

Tais aspectos se fazem entender como distintivos do processo cultural de simbolização. Na pesquisa ensejam construir um referencial teórico-prático com seus conteúdos de representação relacionados aos valores que são atribuídos aos bens pelos especialistas: as instâncias culturais e os profissionais. E, como é possível verificar, o referencial já aparece ilustrando as faces do ato de musealizar nomeado de Significações/Atributos - Juízo/Atitude.

Cada uma dessas formas culturais respaldando as apropriações e intervenções especializadas integra nosso elenco de indicadores temáticos teórico-práticos.

Ao longo dos trabalhos desenvolvidos na pesquisa nos deparamos com um perfil que aponta a atuação do poder simbólico perpassando o campo da Museologia e ativada nas questões relacionadas a tempo, espaços físico e cultural, e circunstâncias de origem que são alteradas pelas mudanças de *status* e demais transformações decorrentes da musealização. As caracterizações agregam qualificações que no contexto social ecoam como ações de pertinência cultural e, por essa aparência, não revelam a substância da imposição. O que pode assinalar a ocorrência de uma postura estratégica, sutil e arguta do poder simbólico em estabelecer perspectiva compensatória pela apropriação exercida.

A presença do poder simbólico se mostra no conjunto de um domínio intelectual e operacional que se espalha nos procedimentos competentes e legitimadores do processo de musealização.

Representa-se por meio da outorga dos valores aplicados na nomeação e definição das categorias museológico-patrimoniais, na elaboração de diretrizes, nos procedimentos para enfoque e tratamento que se inscrevem na esfera da apropriação e intervenção cultural.

E sob tal modelagem prescrevem suas formas simbólicas dominantes para um modelo considerado socialmente qualificado, adequadamente destinado às representações na esfera material e para as demais manifestações do plano imaterial, enfim, recobrando sua ação de ingerência cultural que, muitas vezes, em seu alcance regulador atinge a esfera da tutela exercida tendo o amparo do contexto legal.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei n.º 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. *Diário Oficial da República Federativa*, Brasília, DF, 15 jan. 2009a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- BRASIL. Lei n.º 11.906, de 20 de janeiro de 2009. Cria o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. *Diário Oficial da República Federativa*, Brasília, DF, 21 jan. 2009b. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/Lei/L11906.htm>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sérgio Miceli. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986. (Estudos). Textos escolhidos de Pierre Bourdieu por Sergio Miceli.
- _____. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989. (Memória e Sociedade).
- BRUNO, M.C. Formas de humanidade: concepção e desafios da musealização. *Cadernos de Sociomuseologia: Revista Lusófona de Museologia*, Lisboa, v.9, n.9, p.55-73, 1996. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/293>>. Acesso em: 12 jul. 2014.
- CABRÉ, M.T. *La terminología: representación y comunicación*. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada: Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- DAVALLON, J. Heritage, preservation, research, object, collection, musealization: Session 4. In: ANNUAL ICOFOM SYMPOSIUM. *Museology: back to basics; synthesis of the symposium*. Liège: Mariemont, 2009. p. 12-23. (ICOFOM Study Series, 38). Disponível em: <http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2038%20Suppl-Engl.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.
- DESVALÉES, A. *Terminología museológica: proyecto permanente de investigación*. Rio de Janeiro: ICOFOM: ICOFOM LAM: Tacnet Cultural, 2000. 1 CD ROM.
- _____.; MAIRESSE, F. (Ed.). *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris: A. Colin: Centre National du Livre, 2011. 2v.
- DÉOTTE, J.L. *Le musée, l'origine de l'esthétique*. Paris: LHarmattan, 1993.
- FAULSTICH, E. Socioterminologia: mais que um método de pesquisa, uma disciplina. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 24, n. 3, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/486/441>>. Acesso em: 12 jul. 2014.
- INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS. Resolution n.º 7: museological terminology. In: GENERAL ASSEMBLY OF ICOM 12., 1977, Moscow. *Resolutions adopted by ICOM's General Assemblies, Moscow 1977*. Paris, c2010-2014. Disponível em: <<http://icom.museum/the-governance/general-assembly/resolutions-adopted-by-icom-general-assemblies-1946-to-date/moscow-1977/>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

_____. ICOM BR- Comitê Brasileiro do ICOM. *Código de ética para museus do ICOM*: versão lusófona. São Paulo, 2009. 31 p. ICOM BR, Governo do Estado de São Paulo Disponível em: <http://icom.org.br/wp-content/themes/colorwaytheme/pdfs/codigo%20de%20etica/codigo_de_etica_lusofono_iii_2009.pdf>. Acesso em: 12 jun 2014.

KLEIN, J.T. *Crossing boundaries: knowledge, disciplinarity, and interdisciplinarity*. Charlottesville: University Press of Virginia, 1996. (Knowledge: disciplinarity and beyond).

LIMA, D.F.C. Herança cultural (re)interpretada ou a memória social e a instituição museu: releitura e reflexões. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2008, p. 33-43. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/%204/2>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

_____. Museologia, campo disciplinar da musealização e fundamentos de inflexão simbólica: 'tematizando' Bourdieu para um convite à reflexão. *Revista Museologia e Interdisciplinaridade*, Brasília, v. 2, n. 4, p. 48-61, 2013. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/museologia/article/view/9627/7117>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

_____. Museologia-museu e patrimônio, patrimonialização e musealização: ambiência de comunhão. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas: Museologia e Patrimônio*, Belém, v. 7, n. 1, p. 31-50, jan./abr, 2012. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v7n1/a04v7n1.pdf> e <[http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv7n1_2012/museologia\(lima\).pdf](http://www.museu-goeldi.br/editora/bh/artigos/chv7n1_2012/museologia(lima).pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2014.

MENESES, U.T.B. de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*. São Paulo: Museu Paulista-USP, v. 2. p. 9-42. jan/dez 1994.

MENSCH, P. van. Museology and management: enemies or friends? Current tendencies in theoretical museology and museum management in Europe. In: MIZUSHIMA, E. (Org.). *Museum management in the 21st century*. Tokyo: Museum Management Academy, 2004. p. 3-19. Disponível em: <http://www.icom-portugal.org/multimedia/file/V%20Jornadas/rwa_publ_pvm_2004_1.pdf> Acesso em: 12 jun 2014.

_____. *Towards a methodology of museology*. 1992. Não paginado. Thesis (PhD) – University of Zagreb, Zagreb, 1992. Disponível em: <http://www.muzeologie.net/downloads/mat_lit/mensch_phd.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SCHÄRER, M. Things + ideas + musealization = heritage a museological approach. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 85-89, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/50/39>>. Acesso em: 12 jun. 2014.

SCHREINER, K. Originals and substitutes in museums: authentic objects and auxiliary materials in museums. In: ICOFOM - International Committee for Museology. *Symposium originals and substitutes in museums - Originals and substitutes in museums*

- *Originaux et objets substitutifs dans les musées*. 1985, Zagreb. Stockholm: Museum of National Antiquities, 1985. p. 63-68. (ICOFOM Studies Series, n. 8). Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2008%20\(1985\).pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2008%20(1985).pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2014.

STRÁNSKÝ, Z.K. Science and museum culture. In: DÓLAK, J. (Org.). *Museology at the beginning of the 3rd millenium*. Brno: Technické Muzeum. 2009. p. 13-18.

WATTEYNE, D. “Objet – document?” ou “Chose objet --- Document?”. In: SCHARER, M.R. (Ed.). *Symposium Object - Document?* Beijing, China, 1994. p. 121-127. (ICOFOM Studies Series, 23). Disponível em: <[http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2023%20\(1994\).pdf](http://network.icom.museum/fileadmin/user_upload/minisites/icofom/pdf/ISS%2023%20(1994).pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2014.